

Indicador de Reserva Financeira

Maio 2017



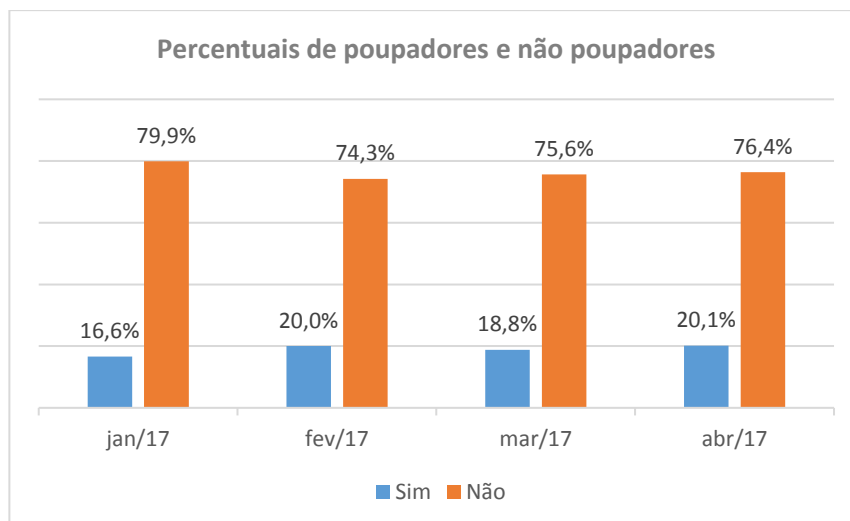
76% dos brasileiros não conseguiram poupar em abril; principal motivo é a renda, considerada baixa por quase metade desses consumidores

Em meio à severa recessão econômica que o país atravessa, o esforço das famílias volta-se para a manutenção das condições de vida. Acumular uma reserva financeira, diante desse quadro, pode ser um grande desafio. A maior parte não consegue, especialmente entre os de menor renda. É isso que mostra o **Indicador de Reserva Financeira**, apurado pelo SPC Brasil e pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL). O objetivo da sondagem é acompanhar, mês a mês, a formação de reserva financeira do brasileiro, destacando a quantidade daqueles que tiveram condições de poupar ao longo dos meses.

Em abril, de acordo com o Indicador, praticamente um quinto (20,1%) dos entrevistados conseguiu guardar dinheiro, ante uma imensa maioria, de 76,4%, que não conseguiu. A principal justificativa para não poupar, mencionada por 47,3% desses entrevistados, foi o fato de a renda ser baixa e não sobrar dinheiro. Além desses, 17,0% disseram estar sem ganho algum, refletindo o quadro de aumento do desemprego. Também se destacaram os que tiveram imprevistos 14,9% e os que não conseguem se controlar com os gastos (9,3%).

Lembrada por quase metade dos que não conseguiram poupar, a questão da renda enseja um comentário. Com efeito, há razão em dizer que renda é baixa: segundo o IBGE, em 2016, a renda média domiciliar do brasileiro foi de R\$ 1226. A perda do poder de compra, observada nos últimos anos, ainda aumenta essa percepção -- a comparação entre a renda média domiciliar de 2014 e a de 2016 mostra uma queda real de 0,93%. Mesmo considerando a realidade dos consumidores com menor renda, a economista-chefe do SPC Brasil, Marcela Kawauti, chama a atenção para o fato de que o hábito da poupança é mais importante do que o valor a ser poupado, que pode ser pouco. “Quando falta o básico, é difícil falar em reserva financeira. Nesses casos, ainda que não seja possível poupar com frequência, vale o esforço de poupar ao menos parte de rendas extras e eventuais. Os aportes não precisam ser altos, e de pouco em pouco, esse consumidor pode constituir um colchão para pelo menos lidar com imprevistos”, diz. O percentual de consumidores que deixaram de poupar em razão do descontrole financeiro é algo que a economista também destaca. Se isso vira um hábito, completa a Kawauti, “o consumidor pode acabar endividado, pagando juros em vez de recebe-los”.

A formação de reserva pode ainda ser vista por recorte de classe. De acordo com a pesquisa, nos dois estratos de renda pesquisados, a maioria dos entrevistados não conseguiram poupar em abril. Enquanto o percentual de poupadores foi de 42,6% nas classes A e B, nas classes C, D e E foi de 13,8%. A grande diferença reflete, uma vez mais, a importância do fator renda. Inversamente, 82,2% **não** conseguiram poupar nas classes C, D e E, ao passo que nas classes A e B esse percentual foi de 56,7%. Não se constata, contudo, diferenças significativas entre gêneros e grupos etários.



Considerando o universo dos poupadores, a sondagem mostra que a principal motivação desses brasileiros é a proteção contra imprevistos, mencionada por 38,3% dos entrevistados. Também se destaca a intenção de garantir um futuro melhor à família (30,1%) e a reserva para o caso de desemprego (30,1%). O consumo vem em seguida: a realização de um sonho de consumo foi mencionada por 22,2% e as viagens, por 19,9%. Em média, os 20,1% de poupadores reservaram R\$ 364,36.

Por que poupar?	abr/17
Imprevistos com doença, mortes, problemas diversos	38,3%
Garantir um futuro melhor para a família	30,1%
Reserva para o caso de ficar desempregado	30,1%
Realizar algum sonho de consumo	22,2%
Viagens	19,9%
Estudos	16,9%
Comprar/quitar casa	16,2%
Reforma da casa	15,8%
Garantir uma reserva para arcar com a educação dos filhos	13,9%
Aposentadoria	11,3%
Compra de automóvel/moto	10,5%
Abrir um negócio	8,3%
Outro motivo	7,5%

A sondagem ainda mostra que um terço dos brasileiros (33,3%) têm o hábito de poupar, sendo que 28,3% poupa o que sobra do orçamento e 4,4% sempre poupa o mesmo valor. A **maioria (63,8%), porém, diz não constituir nenhuma reserva financeira**. Em se tratando do hábito de poupar, nas classes A e B, mais da metade (60,8%) diz guardar dinheiro costumeiramente, enquanto 35,8% dizem não fazer. Já nas classes C, D e E, 25,5% dizem poupar habitualmente, contra 71,9% que não poupa com frequência. A constituição de uma reserva financeira é garantia contra imprevistos, além de um meio para a realização de planos de consumo. O consumidor que, nesses casos, não pode se valer de recursos próprios, tem de recorrer a entidades financeiras, arcando com juros geralmente bastante elevados. No longo prazo, a imprevidência também cobra seu preço. Sem constituir uma reserva ao longo da vida, muitos idosos são obrigados a rever seu padrão de consumo ou acabam na dependência de terceiros.

Destinos das reservas financeiras sugerem descuido com a rentabilidade

Entre os poupadores brasileiros, impera um perfil conservador e, em alguns casos, até negligente com relação ao rendimento de suas reservas. A pesquisa mostra que o destino mais citado para o dinheiro poupado é a famosa caderneta de poupança, mencionada por 68,0% dos entrevistados. Em seguida, 18,4% desses entrevistados mencionam a própria casa como o lugar onde costumam manter suas reservas. Os poupadores citam, ainda, os Fundos de Investimento (8,3%), a Previdência Privada (8,3%), o CDB (6,0%) e o Tesouro Direto (5,3%).

A maior parte, como se nota, aloca seus recursos em aplicações de baixa ou nenhuma rentabilidade, e alta liquidez, isto é, alta facilidade para a realização de saques. Nenhuma é contraindicada por princípio – à exceção da reserva mantida em casa, que inclusive desperta preocupação com a segurança –, mas é preciso que a aplicação escolhida esteja em linha com os objetivos da reserva. Se o objetivo da reserva é proteger-se contra imprevistos, o conveniente é optar por uma reserva com alta liquidez, ainda que isso implique um rendimento menor.

Investimentos mais comuns	abr/17
Caderneta de poupança	68,0%
Em casa	18,4%
Fundos de investimento	8,3%
Previdência Privada	8,3%
CDB	6,0%
Tesouro direto	5,3%
Outro	4,5%

Por outro lado, se o objetivo é poupar para o longo prazo, aplicações menos líquidas podem constituir um freio ao impulso de utilizar as reservas para o consumo corrente. A respeito do uso desses recursos para fins diversos, **51,9% dos que possuem reserva dizem ter usado parte dela em abril**, sendo o principal dos motivos o pagamento de despesas da casa, citado por 14,3%. Os imprevistos,

por sua vez, foram citados por 12,0%, enquanto o pagamento de dívidas foi lembrado por 10,2% e as despesas extras foram citadas por 9,0%. Por outro lado, 49,1% não fizeram uso dessas reservas.

Metodologia

A pesquisa abrangeu 12 capitais das cinco regiões brasileira, a saber: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba, Recife, Salvador, Fortaleza, Brasília, Goiânia, Manaus e Belém. Juntas, essas cidades somam aproximadamente 80% da população residente nas capitais. A amostra, de 800 casos, foi composta por pessoas com idade superior ou igual a 18 anos, de ambos os sexos e de todas as classes sociais. Os dados foram coletados via web e presencialmente entre os dias 2 a 17 de abril de 2017. A margem de erro é de 3,5 pontos percentuais.

